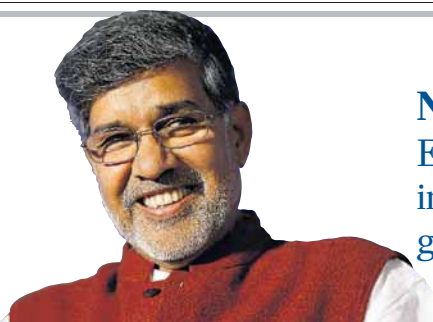


Internacional



Nobel da Paz
Em entrevista, ativista indiano critica globalização. A26

Instabilidade. Presidência de Enrique Peña Nieto passa a ser alvo de manifestações após o desaparecimento de 43 estudantes há quase dois meses; crise institucional ocorre também em razão de casos de corrupção e do alto índice de criminalidade no país

Sumiço no México une setores rivais para protestar contra o governo



Lourival Sant'Anna
ENVIADO ESPECIAL
CIDADE DO MÉXICO

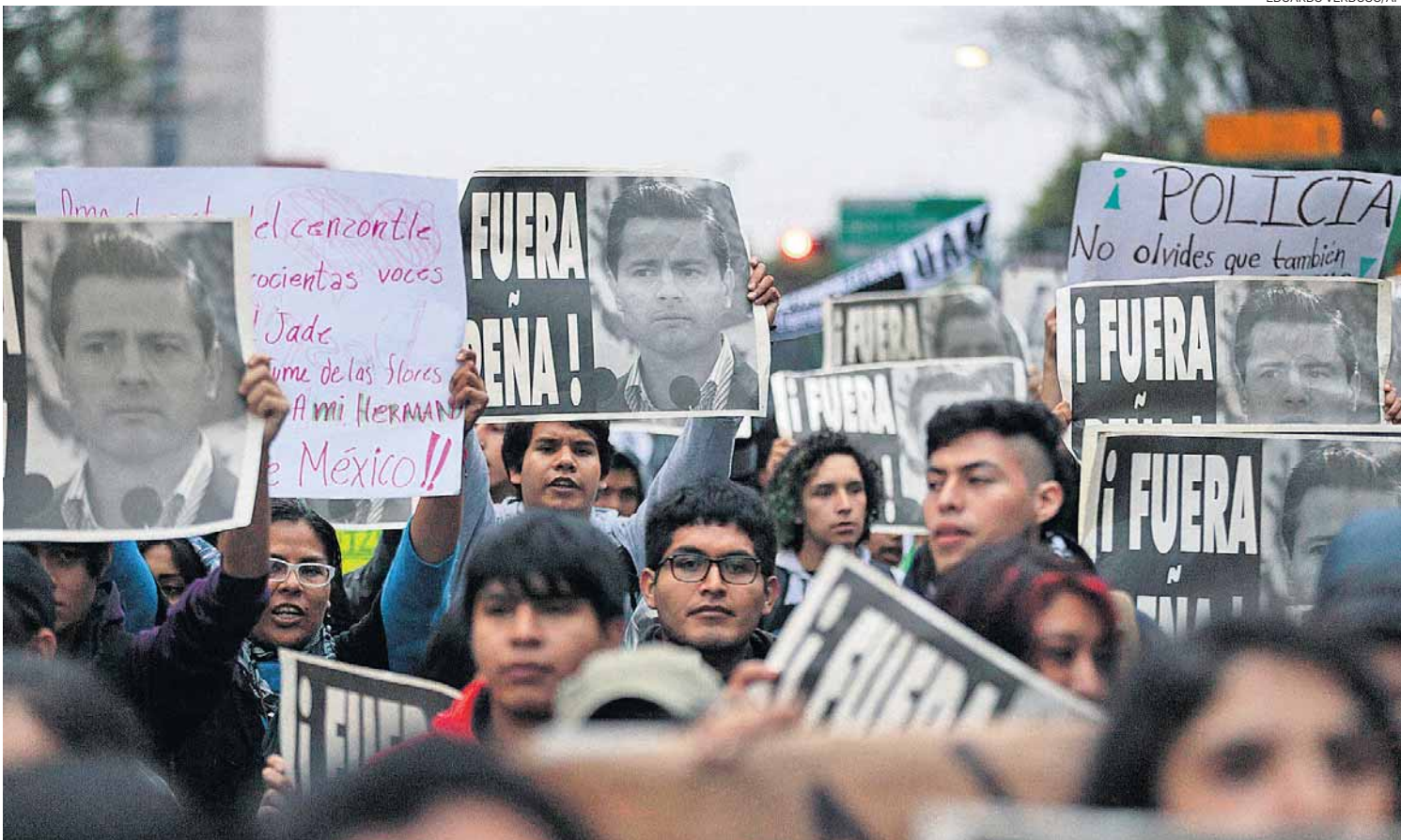
O desaparecimento dos 43 estudantes há dois meses desencadeou uma onda de manifestações no México que tende, se não a desestabilizar o governo do presidente Enrique Peña Nieto, a fragilizá-lo. Pela primeira vez, os protestos unem setores que costumam estar em lados opostos, como grupos de esquerda, trabalhadores urbanos e rurais, sem-teto, sem-terra, profissionais liberais e representantes da classe média e alta branca.

“Há indignação partindo da juventude, com forte irradiação nos setores populares organizados e também na classe média”, analisa Massimo Modonesi, pesquisador de movimentos sociais latino-americanos e professor de sociologia da Universidade Nacional Autônoma do México (Unam). “É um movimento de grande amplitude que preocupa o governo.”

“Apenas a juventude radicalizada não produz grande efeito político, mas, quando se junta aos setores populares organizados e à classe média ilustrada, em algum momento, é capaz de derrubar governos na América Latina”, afirma o especialista. Como no Brasil em 2013, a onda de indignação, segundo ele, “pode não seguir o estilo boliviano, mas marca um ponto de inflexão na história política, fragiliza o governo e afeta sua credibilidade”.

Professores, funcionários públicos, eletricitistas e trabalhadores do setor de telefonia aderiram às manifestações contra as reformas estruturais lançadas por Peña Nieto. Elas vinculam os salários e contratação de professores ao seu desempenho, promovem a diminuição no número de servidores públicos e levam adiante as privatizações iniciadas nos anos 90.

“A quebra do monopólio da estatal Pemex cria uma sensação difusa no imaginário popular de que o petróleo, fonte de mais de



Nas ruas. Manifestantes pedem a remoção do presidente do México, Enrique Peña Nieto, em razão de estudantes sumidos

● **Força**
“Apenas a juventude radicalizada não produz grande efeito político, mas, quando se junta aos setores organizados e à classe média ilustrada, é capaz de derrubar governos na América Latina”
Massimo Modonesi
ANALISTA E PROFESSOR

50% da receita do Estado mexicano, não é mais nosso”, explica Carlos Aguirre, do Instituto de Investigações Sociais da Unam.

Em um ano, a rejeição ao governo aumentou 9 pontos percentuais, segundo pesquisa do Pew Research Center, que indicou em agosto que 47% o consideravam ruim ou péssimo. A queda foi atribuída às reformas.

Com relação ao crime organizado e aos desaparecimentos, Peña Nieto adotou a política de ignorar o assunto, concentrando-se nas reformas e no crescimento da economia, que o Ministério da Fazenda estimou em 2%, após um fraco 1,1% em 2013.

Seu antecessor, Felipe Calderón, depois de declarar guerra

às drogas no início de seu governo, em 2007, e de assistir ao recrudescimento da violência, tentou, no final do mandato, a mesma estratégia. Sem que os casos tivessem sido esclarecidos, a cifra oficial de 26 mil desaparecidos caiu para 8 mil – ou seja, dois terços dos desaparecidos “desapareceram”. Com a repercussão do caso dos 43 estudantes, Peña Nieto não poderá mais ignorar o assunto.

O que alivia a situação do presidente é que todos os problemas podem ser atribuídos, com igual ou maior gravidade, aos tradicionais rivais do seu Partido Revolucionário Institucional (PRI). O Partido da Ação Nacional (PAN), que governou o país entre 2000 e 2012, está à direita do PRI, e impulsionou políticas neoliberais, com exceção do aumento no número de servidores federais.

À esquerda do PRI, o governador afastado de Guerrero e o prefeito preso de Iguala, onde os jovens desapareceram, pertenciam ao Partido da Revolução Democrática (PRD), cujo candidato, Andrés Manuel López Obrador, ficou em segundo lugar nas duas últimas eleições

presidenciais. O desaparecimento dos jovens levou o PRD a um estado de “dissolução”, nas palavras de seu fundador, Cuauhtémoc Cárdenas, que exigiu a renúncia da direção do partido. Não foi atendido, mas há um consenso de que o PRD, que já sofria de “morte cerebral”, por ter pedido a identidade ideológica, está agora enterrado, segundo Modonesi, autor de um livro sobre o partido.

Restariam como alternativas políticas, eventuais líderes surgidos do movimento de indignação pelo desaparecimento dos 43 jovens ou um novo partido lançado este ano por López Obrador, que contribuiu para a desidratização do PRD, arrastando uma parte da agremiação. Sintomaticamente, sua nova legenda, cujo registro foi oficializado em julho, não tem o nome de “partido”, mas de Movimento de Regeneração Nacional e é conhecido pelo acrônimo Morena.

A fragmentação dos grupos nos protestos e a sua pauta difusa não sugerem a construção de uma alternativa política sólida, com chances de disputar o poder. Muitos dos manifestantes, pertencentes a coletivos, rejei-

tam a democracia representativa e realizam assembleias, nas quais exercem um suposto poder paralelo local e autônomo, sem projeção nacional.

“Não creio que passe de um amontoamento o que está se fazendo nas marchas, e isso não é unidade”, diz Alejandro Cerezo, membro da Campanha Nacional contra os Desaparecimentos Forçados, que reúne mais de 50 ONGs. Cerezo aposta no crescimento do partido de López Obrador, que não reconheceu suas duas derrotas eleitorais, chegando a ocupar por três meses o Paseo de la Reforma, no coração da Cidade do México. “Gostem ou não, o Morena aglutina.” O primeiro teste real serão as eleições estaduais e municipais de junho do ano que vem. Não há reeleição presidencial no México e o mandato de Peña Nieto, de seis anos, vai até 2018.



NA WEB
Vídeo. A semana de protestos no México

estadao.com.br/e/protestosMexico

Zapatistas tentam capitalizar caso de jovens desaparecidos

◆ Especialistas, porém, divergem sobre êxito dessa estratégia; solução radical parece remota

◆ CIDADE DO MÉXICO

◆ O Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), que nutre uma ideologia revolucionária de forte apelo romântico, tenta capitalizar o desaparecimento dos 43 jovens para ganhar projeção nacional. Os especialistas divergem sobre o êxito dessa estratégia. A guerrilha do Exército Popular Revolucionário (EPR), que tem como base o Estado de Guerrero, onde os estudantes desapareceram, emitiu um comunicado, mas

permanece inativa e distante da realidade urbana e nacional. Na constelação de movimentos sociais do México, onde o termo “revolução” tem uma forte presença no imaginário, a chance de uma solução radical parece remota.

“A partir de 2012, os zapatistas lançaram uma iniciativa para organizar o movimento anticapitalista, não só nacional, mas internacionalmente, chamada ‘A Sexta’”, descreve Carlos Aguirre, pesquisador de movimentos sociais da Unam. O nome é inspirado em um documento de 2005, chamado *Sexta Declaração da Selva de Cardona*.

Aguirre sublinha que A Sexta conta já com 15 mil adesões, muitas das quais de organizações que incluem indígenas, estudantes, professores, eletrici-



Choque. Policiais enfrentam ativistas na Cidade do México

tas e trabalhadores na telefonia – setores que participam agora dos protestos pelo desaparecimento dos 43 jovens. Pelos seus cálculos, essas adesões somam cerca de 2 milhões de pessoas.

Colegas e pais dos desaparecidos foram ao Estado de Chiapas para se reunir com militantes zapatistas. “O zapatismo não está confinado ao espaço rural e muito menos, morto”, garante

Aguirre, que acredita que o movimento possa dar coesão aos inúmeros grupos que tomam parte das manifestações.

Massimo Modonesi, também pesquisador de movimentos sociais da Unam, tem uma visão diferente. “Os zapatistas têm um certo capital moral, certa escuta, são muito reconhecidos, mas não têm uma organização urbana”, observa. “Têm simpa-

tizantes, que participam de outros espaços, não como nos anos 90, quando tinham militantes. Hoje, o zapatismo é um movimento comunitário, chianeco”, considera Modonesi. “Em 2005, 2006, eles tentaram desempenhar um papel no plano nacional. Desde então, são parte das tradições e da história de lutas. Só convocam as comunidades no perímetro de seu território. Não têm ascendência urbana nem nacional.”

Alejandro Cerezo, coordenador-geral da Ação Urgente para os Defensores dos Direitos Humanos, concorda: “O EZLN é muito regional. Tentaram formar frentes nacionais e nunca conseguiram. Não têm gente para isso”.

Já o isolamento do EPR não é objeto sequer de polêmica. “Eles são muito herméticos”, diz Cerezo, cujos pais foram fundadores do grupo, e provavelmente se escondem nas regiões de montanhas cobertas de florestas de Guerrero. A primeira operação armada do EPR, que sofreu várias divisões, ocorreu em 1996 e a última, em 2007. /L.S.

CRONOLOGIA

Da eleição à hostilidade

Julho de 2012



Peña Nieto é eleito com 38% dos votos. Vitória marca a volta ao poder do PRI, que governou o país por 71 anos, após 12 anos de governo do Partido Ação Nacional (PAN)

Agosto de 2012



Oposição denuncia fraude na eleição e pede recontagem de votos. Há confrontos com a polícia

Dezembro de 2012

Peña Nieto assume com promessa de atrair investimentos privados para a petroleira Pemex, apontando a Petrobrás como modelo

Setembro de 2013

Documentos da Agência Nacional de Segurança (NSA, na sigla em inglês) mostram que Peña Nieto teve e-mails e telefonemas espionados pelo governo americano antes de ser eleito. Sua reação é moderada

22 de fevereiro



Anuncia a prisão de “El Chapo” Guzmán, chefe do Cartel de Sinaloa, como sua principal vitória contra o narcotráfico

26 de setembro

Três estudantes da Escola Rural Normal de Ayotzinga morrem e outros 43 desaparecem na cidade de Iguala, no Estado de Guerrero. O caso compromete a meta de tirar o foco do governo da insegurança e colocá-lo na economia

7 de outubro



Blog revela compra pela primeira-dama, a ex-atriz de novelas Angélica Rivera (foto), de uma mansão de US\$ 7 milhões de uma empreiteira ligada ao governo. Sob forte pressão popular, o casal desiste do negócio